

“APENAS UMA MULHER”: A MENSTRUAÇÃO NO DISCURSO RELIGIOSO DE NOSSA SENHORA DO NILO (2012)

LUÍSA FREIRE¹; KELLI MACHADO DA ROSA²

¹ Universidade Federal do Rio Grande – luisagfreire@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande – klor.rib@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta exposição visa enfocar a materialização de relações dialógicas em enunciados concretos pertencentes ao discurso religioso em *Nossa senhora do Nilo* (2012), da ruandesa Scholastique Mukasonga. O romance consiste em diversas histórias sobre as alunas de um liceu feminino católico (de mesmo nome que o título) em Ruanda. Dentre elas, um capítulo se dedica à primeira menstruação da aluna Modesta, sobre o qual nos debruçaremos. Pretendemos, então, examinar, no escopo do discurso religioso-católico, os sentidos assumidos pelos enunciados, evidenciando os valores pejorativos associados à mulher e à menstruação.

Elaborado no âmbito dos estudos dialógicos do discurso, por meio do projeto de pesquisa “Discurso das Mídias (e)m Análise Dialógica”, fundamentamo-nos nas obras do Círculo de Bakhtin, com destaque a BAKHTIN (2010; 2011) e VOLÓCHINOV (2015; 2018). Seus principais conceitos nos permitem problematizar o signo menstruação e apreender seus reflexos e refrações, considerando as vozes que o atravessam e o constituem. Além disso, o exame das relações dialógicas possibilita a construção de sentido entre diferentes discursos de diferentes interlocutores.

2. METODOLOGIA

Nossa análise concerne especificamente ao capítulo intitulado *O sangue da vergonha* e, com o intuito de apreendermos os sentidos e valores que se estabelecem em alguns enunciados, selecionamos algumas noções bakhtinianas fundamentais. São elas: a concepção interacionista de língua(gem), ou seja, a língua como processo de interação verbal; o discurso, que conforme VOLÓCHINOV (2018), é a língua em sua forma viva; o signo ideológico (e sua capacidade de refletir e refratar realidades); e, em especial, a noção de relações dialógicas.

Estas relações, que “só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 323), estabelecem sentidos entre distintos discursos/enunciados. Essa conceituação estimula a construção, ou o apontamento, de diálogos existentes entre dois objetos diferentes. Desse modo, elas motivaram algumas perguntas-suleadoras para nosso exame: (1) Quais valores o signo ideológico “menstruação” refrata nesse discurso? (2) De que maneira suas refrações dialogam com o discurso bíblico-religioso? (3) Por meio da materialização das relações dialógicas, que valores apreendemos na compreensão de mulher e de menstruação? Posto isso, elaboramos algumas considerações no tocante à construção de sentidos do romance em análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No capítulo *O sangue da vergonha*, somos apresentados à aluna Modesta que menstrua pela primeira vez durante uma aula de inglês e é levada à irmã Gerda – responsável por “iniciar” as estudantes nesse assunto. A aluna então é confrontada por uma série de enunciados coloridos por valores pejorativos que buscam puni-la por ser mulher.

O signo ideológico “menstruação”, apesar de refletir um processo fisiológico de algumas pessoas, refrata uma série de sentidos. Irmã Gerda fala a Modesta que “**as mulheres são feitas para sofrer**” (MUKASONGA, 2017, p. 95. Grifos nossos), porque Deus quis assim. Nesse primeiro fragmento, deparamo-nos com um discurso religioso que justifica o sofrimento da mulher como uma virtude e uma obrigação. A menstruação, nesse caso, significa sofrer e é imposta pelo sagrado, isto é, por um discurso absoluto e divino.

Além disso, Gerda acrescenta: “esse sangue fará você se lembrar de que é **apenas uma mulher**, e se você se achar bonita demais, lá estará ele para lembrá-la do que você é: apenas uma mulher” (2017, p. 95. Grifos nossos). Mais uma vez, o sangue menstrual refrata os sentidos de castigo e punição, e sendo ele natural (fisiologicamente) a algumas pessoas – identificadas no romance como mulheres –, entendemos que pecado e mulher são sinônimos. A repetição da frase “apenas uma mulher”, então, reforça um discurso de inferioridade feminina. Segundo irmã Gerda, nós sempre seremos “apenas” mulheres e devemos compensar o pecado de Eva com nosso sangue.

Na “casinha de tijolo”, onde todas as garotas devem lavar suas tiras higiênicas quando estão menstruando, a irmã passa suas últimas instruções: “há um tanque para lavar as tiras sujas, você vai esfregar, esfregar, esfregar, mas **nunca o bastante para apagar a culpa de ser mulher**” (2017, p. 96. Grifos nossos). Novamente o signo ideológico “mulher” está diretamente ligado às reparações de “menstruação” e figura como sinônimo de culpa, de um pecado involuntário imposto pela ancestralidade (Eva). A ênfase dada a “esfregar” reafirma que nunca sangraremos o suficiente, pois o pecado está intrínseco à mulher, está em nosso sangue menstrual que simboliza os erros de Eva.

Por fim, a irmã conclui: “Modesta, você deve esfregar bem para não trazer **mais vergonha à vergonha**” (MUKASONGA, 2017, p. 96. Grifos nossos). Na expressão destaca culmina a voz religiosa colorida por valores punitivos. O tom axiológico é evidentemente pejorativo, pois se tomarmos a menstruação, o sangue menstrual como uma vergonha e relembrarmos que ele é concebido como natural à mulher, portanto, ser mulher também é uma vergonha. O discurso reafirma que o pecado é interior a mulher, se manifesta no sangue, na sua natureza. Refrata-se novamente a ideia de que somos “filhas de Eva” e perpetuamos seu pecado em nossos corpos.

Embora destaquemos diversos enunciados, nos quais salientamos as relações de sentido com o discurso religioso-bíblico, percebemos que os valores se repetem a partir da noção de que a menstruação é um castigo. Quer ao falar do sangue, quer ao se referir ao feminino que o sangra, algumas questões atravessam todo o discurso. Este, proferido pela irmã, é alicerçado no discurso bíblico, que justifica e estimula o sofrimento da mulher – definida como impura, inferior e vergonhosa. O sangue, por consequência, é concebido similarmente: ele é sujo e representante da inferioridade feminina e da punição sagrada. Por fim, a afirmação de que Modesta é “apenas uma mulher” se embasa em vozes religiosas, machistas e ultrapassadas, justificando-se por afirmações divinas de um pecado ancestral e irremediável.

4. CONCLUSÕES

Por meio de nossa exposição, evidenciamos a problemática de gênero-religião no que se refere especificamente à menstruação, enfocando os sentidos que refratam a partir de um discurso colorido negativamente. O exame do romance de Mukasonga, permitiu-nos compreender como esse discurso se apresenta, bem como as tonalidades valorativas que carrega consigo.

As relações dialógicas, portanto, possibilitaram a apreensão de algumas das vozes existentes. Essas relações semânticas denunciam os elos entre mulher/sofrimento, mulher/pecado, mulher/vergonha, menstruação/castigo e menstruação/sujeira; compreendendo que todos esses pares estão entrelaçados e são atravessados por um discurso do sagrado, do divino, que não permite questionamentos e se coloca como absoluto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MUKASONGA, S. **Nossa senhora do Nilo**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.